



O papel da cultura na (re)construção da identidade em Moçambique

The role of Culture in the Reconstruction of Identity in Mozambique

ISSN: 2310-0036

Vol. 16 | Nº. 1 | Ano 2025

Olga João Caetano

Universidade Católica de Moçambique

703220255@ucm.ac.mz

Adérito Gomes Barbosa

Universidade Católica de Moçambique

aaderitus@ucm.ac.mz

RESUMO

O presente artigo científico tem como objectivo compreender o papel da cultura na (re)construção da Identidade em Moçambique. Para a concretização deste objectivo, foi levantada a seguinte questão de partida: Qual é o papel da cultura na (re)construção da identidade em Moçambique? Assim, tendo em conta a sua natureza, foi conduzido um estudo bibliográfico que se baseou na leitura de várias obras, dois artigos científicos encontrados no Google Acadêmico e um no SciELO, seleccionados com base na relevância do seu título, resumo e ano de publicação. Também foram consultados livros, decretos, teses de vários autores, que falam sobre o tema. A metodologia utilizada foi de carácter qualitativo, inserida no paradigma interpretativo. Os resultados revelaram que a afirmação de uma identidade colectiva, unificada em Moçambique, é uma realidade ainda em gestação, a inventar, pois a cultura perdeu a sua identidade genuína e passou a ter uma mistura de influências africanas, portuguesas e árabes. Concluímos que a cultura pode desempenhar um o papel preponderante na (re)construção da identidade no país, e isso passa pela valorização da diversidade cultural, incorporando os elementos da cultura local na afirmação da identidade nacional.

Palavras-chave: Cultura, Identidade e Moçambique.

Abstract

This scientific article aims to understand the role of culture in the (re)construction of identity in Mozambique. To achieve this objective, the following research question was posed: What is the role of culture in the (re)construction of identity in Mozambique? Given its nature, a bibliographic study was conducted, based on the reading of several works, two scientific articles found on Google Scholar, and one on SciELO, selected based on the relevance of their titles, abstracts, and year of publication. Books, decrees, and theses by various authors addressing the topic were also consulted. The methodology used was qualitative in nature, within the interpretative paradigm. The results revealed that the affirmation of a collective, unified identity in Mozambique is still a work in progress, something yet to be fully developed, as culture has lost its genuine identity and has come to embody a mixture of African, Portuguese, and Arab influences. We conclude that culture can play a key role in the (re)construction of identity in the country, and this involves valuing cultural diversity and incorporating elements of local culture in the affirmation of national identity.

Keywords: Culture, Identity and Mozambique.



Rua: Comandante Gaivão nº 688

C.P.: 821

Website: <http://www.ucm.ac.mz/cms/>

Revista: <http://www.reid.ucm.ac.mz>

Email: reid@ucm.ac.mz

Tel.: (+258) 23 324 809

Fax: (+258) 23 324 858

Beira, Moçambique

1. Introdução

O presente estudo tem como tema, o papel da cultura na (re)construção da identidade em Moçambique. Qual é o papel da cultura na (re)construção da identidade em Moçambique? Esta é questão norteadora da presente pesquisa. Debates sobre cultura em Moçambique tendem a ser cada vez mais fortes e são vários os cenários em que quando se trata de Identidade, todos querem afirmar-se e preservá-la. Daí que Ngoenha (1992) destaca ser necessário que cada indivíduo tenha confiança em si mesmo para posteriormente afirmar a sua própria identidade e esta confiança supõe um conhecimento e uma aceitação de si, porém, “a identidade de um indivíduo é em função da identidade do seu povo” (p. 29).

Foi assim que Moçambique, ao afirmar a identidade do seu povo, enfrentou ao longo da sua história, fases turbulentas no período pós-conflito da guerra civil, e a cultura veio desempenhar um papel vital na construção e resgate da sua moçambicanidade. Neste período, a cultura foi usada como um instrumento promotor da coesão social, de transformação e moldagem do homem para trabalhar em direcção a um futuro comum e repassar os valores e costumes as gerações futuras. É por isso que Castiano (2010) argumenta que a cultura permite ao homem viver, procriar-se e passar o acervo social, moral e intelectual aos seus sucessores.

É neste contexto que foi desenvolvida esta pesquisa, com o objectivo de compreender o papel da cultura na (re)construção da identidade em Moçambique, a partir da forma de ser e de viver do povo moçambicano, bem como na sua estabilidade e preservação das tradições culturais e filosóficas após a independência. A relevância desta temática reside no facto de que a cultura é a única via caminho que leva ao entendimento comum e ao enfatizar elementos culturais compartilhados por todo o país, Moçambique pode desenvolver uma identidade colectiva que transcende as fronteiras étnicas e regionais pois com a colonização, a cultura moçambicana perdeu a sua identidade genuína e passou a ter uma mistura de influências africanas, portuguesas e árabes.

Percebe-se a pertinência deste tema no desenvolvimento social, cultural e económico de Moçambique, pela possibilidade de alavancar a diversidade cultural como uma força unificadora, ajudando a construir uma nação resiliente e coesa através da (re)construção da identidade dos moçambicanos.

Características da cultura moçambicana

De acordo com Bosi (1992), cultura é o conjunto das práticas, técnicas, símbolos e valores que se devem transmitir às novas gerações para garantir a reprodução de um estado de coexistência social. Para Ngoenha (1992), cultura é o conjunto de conhecimentos, crenças, costumes, valores, comportamentos e práticas compartilhadas por um grupo de pessoas. Ela abrange todos os aspectos da vida humana, incluindo arte, música, literatura, religião, linguagem, alimentação, vestuário, rituais, tradições e formas de organização social. Por sua vez, Castiano (2010) entende a cultura como um processo de criação de formas/conhecimento das técnicas e formação de habilidades. Já Ciscato (2012) entende a cultura como a maneira partilhada por um grupo de pessoas (comunidade) de ver a realidade, interpretar, nomear o

mundo e assim organizar as suas acções e criar sociedade. E Eagleton (2005) argumenta que cultura pode ser entendida como o conjunto de valores, crenças, costumes e práticas que caracterizam o modo de vida de determinado grupo social.

Daí percebemos que a cultura é um sistema de significados construído pelo ser humano para dar sentido ao mundo, influenciando a maneira como as pessoas o percebem, se comportam e se relacionam entre si.

Após a proclamação da independência de Moçambique, no dia 25 de Junho de 1975, o país enfrentou desafios significativos para construir a sua identidade nacional e fortalecer a coesão social entre os seus diversos grupos culturais. A colonização portuguesa deixou marcas profundas na cultura moçambicana, e o processo de (re)construção da identidade passa pela valorização e promoção das expressões culturais locais (Ngoenha, 1992). Nesta senda, o país trabalhou para definir uma identidade própria, porque os portugueses quiseram aculturar o povo de Moçambique à cultura portuguesa.

Nessa altura, Moçambique era um país inexistente (cultural, científica e socialmente), ou seja, o seu acervo era supostamente difuso; não é por acaso que as nossas manifestações culturais começaram a ser reconhecidas há bem pouco tempo: a timbila, o tufo, o Nyão, integram gradualmente o património mundial da humanidade (Nicaquela & Oliveira, 2017). Ao discutir as diversas culturas presentes em Moçambique, torna-se mais apropriado e eficaz reconhecer essa riqueza cultural, em vez de tentar suprimir uma em prol da afirmação de outra, como indicado por Mazula (2015), pois isso implica aceitar e celebrar nossa diversidade cultural, em vez de buscar a eliminação de uma cultura em favor de outra. De facto, Moçambique possui uma população multicultural, com mais de 40 grupos étnicos distintos (como os macuas, os chewas, os macondes, os tsongas, os manyungwes, os ndaus, entre outros), cada um com as suas próprias línguas, costumes e crenças, que para Ngoenha (1992), “a continuidade cultural e depois a língua fazem com que as nossas colectividades de pertença mais autênticas não sejam Moçambique, mas as comunidades, primeiro, étnicas e, depois, outras mais alargadas” (p. 29).

Assim, a cultura moçambicana é rica e diversificada, resultado da combinação de várias influências históricas, incluindo as culturas africanas tradicionais, as influências árabes e as influências coloniais portuguesas, e Mazula (2008) questiona a existência de uma cultura nacional que caracterize a moçambicanidade e defende que ela é construída na união de várias culturas. Afinal, este multiculturalismo tem valor, como se depreende na Agenda (2025) que sublinha que a “diversidade étnica, cultural e linguística é um valor, é uma riqueza da sociedade moçambicana e, quanto mais forte, mais favorece a consolidação da Unidade Nacional” (p.105).

No entender de Basílio (2010), a colonização portuguesa teve um impacto significativo na cultura do país, introduzindo a língua portuguesa, o cristianismo e elementos da cultura europeia. Assim, as tradições africanas continuam a ser preservadas e valorizadas. Por isso, Ngoenha (1992) chama a atenção da necessidade de afirmação de uma identidade cultural, e a tomada de consciência de nós como entidade (moçambicanos), que isso depende de uma introspecção que permita de ver objectivamente os factos como são. Com o mesmo olhar,

Mazula (2008) argumenta que, deve-se ter em conta que Moçambique é um mosaico cultural e não se pode falar da cultura nacional sem se destacar a importância das culturas locais que convivem entre si.

Percebemos que a cultura moçambicana, de facto, é rica e diversificada, resultado da combinação de várias influências históricas, incluindo as culturas africanas tradicionais, influências árabes e influências coloniais portuguesas. Porém, a colonização portuguesa teve um impacto significativo na cultura moçambicana, introduzindo a língua portuguesa, o cristianismo e elementos da cultura europeia. Assim, a cultura é um sistema de significados construído pelo homem para dar sentido ao mundo, influenciando a maneira como as pessoas o percebem, se comportam e se relacionam entre si. É com base nesta influência que se construiu a identidade dos indivíduos como disse Ngoenha (1992) que a palavra identidade significa o conjunto de características específicas de um ser, que fundamenta a sua personalidade e o torna irreduzível a um outro. Ficou evidenciado que a cultura não é estática, mas sim dinâmica e está em constante evolução.

De facto, a cultura moçambicana é caracterizada por uma população multicultural que engloba aspectos de povos tipicamente africanos e de populações árabes e portuguesas. Portanto, o país possui diversas etnias que tem particularidades culturais importantes como a religião, língua, a gastronomia, a música, a dança, vestuário e estes hábitos/costumes são transmitidos de geração em geração através da socialização e da aprendizagem, podendo variar amplamente entre diferentes sociedades, regiões e grupos étnicos. Daí, mais uma vez, transparece a necessidade da valorização da identidade cultural para a afirmação da nossa moçambicanidade.

A (re)construção da identidade em Moçambique

Segundo Ngoenha (1992), a palavra identidade é ambígua e pode ter dois significados. Por um lado, significa o conjunto de características específicas de um ser, que fundamenta a sua personalidade e o torna irreduzível a um outro. Por outro, é o conjunto de traços que fazem com que dois seres se pareçam. Já Basílio (2010) contraria este posicionamento do Ngoenha, dizendo que a identidade é uma questão referente à construção sociopolítica que resulta das interações dos sujeitos individuais e colectivos no interior de um projecto comum nacional.

Neste caso, concordamos com o posicionamento de Ngoenha, pois a identidade se refere à compreensão de que uma pessoa tem de si mesma, ou seja, como ela se percebe e se reconhece como indivíduo em relação aos outros e ao mundo ao seu redor. Daí que a identidade cultural é entendida como o conjunto de valores através dos quais se manifestam as relações entre indivíduos de um mesmo grupo que partilham patrimónios comuns como a cultura, a língua, a religião, os costumes, etc. (Ferreira *et al.*, 2016).

A construção da identidade de um povo encontra-se sempre em transformação e está ligada ao momento histórico e Ferreira *et al.* (2016) argumentam que Moçambique passou por vários processos de identidade e identificação ao longo da sua história: foi colónia portuguesa, passou por vários momentos de luta para se tornar uma Nação. Para Basílio (2010), essa

(re)construção obedeceu à herança histórica da luta de libertação, na qual a FRELIMO desempenhou um papel fundamental na construção do sujeito colectivo e na busca da liberdade. Para Ngoenha (1992),

A identidade cultural de uma personalidade colectiva é constituída por três factores: um factor histórico, um factor linguístico e um factor psicológico. O factor histórico é o cimento cultural que une os elementos dispersos de um povo para fazê-lo um todo, a partir de um sentimento de continuidade histórico, vivido por toda a colectividade (p. 29).

Castells (2000) acrescenta que “a construção de identidades se vale da matéria-prima fornecida pela história, geografia, biologia, instituições produtivas e reprodutivas, pela memória colectiva e por fantasias pessoais, pelos aparatos de poder e revelações de cunho religioso” (p. 23). Para Ngoenha (1998), a identidade moçambicana não é, nem simplesmente étnica, nem simplesmente europeia. Bhabha (1998) argumenta que:

No lugar da identidade nacional, aparece agora uma identidade cumulativa e performativa, híbrida, portanto, construída a partir de baixo, e numa prática diária, com todas as contradições e riscos implicados neste processo, porque é também de riscos, de instabilidades e compromissos que ela brota. Portanto, a identidade cultural do sujeito dos nossos dias é muito mais variada, inconstante e plural (p. 76).

Por sua vez, Castells (2006) expõe três formas fundamentais de construção de identidades que caracterizam as sociedades humanas exploradas que são: identidade legitimadora, identidade de resistência e identidade de projecto.

Não sendo um processo estático, a identidade vai evoluindo à medida que a sociedade avança do ponto de vista cultural, social, económico e político. É graças a ela que um indivíduo se identifica com um determinado grupo com o qual a partilha e é a ela também que se deve a coesão da sociedade. Uma crise dessa identidade põe em causa a própria ordem social (Ferreira *et al.* 2016), pois a identidade de um indivíduo, é em função da identidade do seu povo (Ngoenha, 1992).

Dai que Coelho e Mesquita (2013) salientam que, ao longo da vida, os indivíduos se identificam e/ou se desidentificam com várias identidades, pois elas estão aí à frente, negociam com elas, transitam entre uma e outra, pois elas não são fixas, ao contrário, se movem, se modificam, se constroem e se reconstroem continuamente. Por isso, o indivíduo, enquanto parte dessa sociedade, compartilhando a sua cultura, está em constante processo de construção identitária, que passa pela construção e reconstrução para afirmação da sua identidade.

Da pesquisa feita foi possível constatar a existência de desafios ligados à reconciliação entre a diversidade cultural interna e a necessidade de uma identidade nacional unificadora em Moçambique (Cabaço, 2007). A este respeito, Ngoenha (1992) lembra que, a identidade moçambicana não é, nem simplesmente étnica, nem simplesmente europeia, é uma mistura de influências africanas, portuguesas e árabes. Com isto, Cabaço (2007) defende a necessidade de equilibrar a rica diversidade cultural interna com a construção de uma identidade unificadora. Segundo o autor, a tentativa de consolidar uma moçambicanidade após a independência envolveu um esforço para superar divisões étnicas, linguísticas e regionais,

muitas vezes através de políticas centralizadoras que priorizavam elementos considerados unificadores, como o uso do português como língua oficial.

Como se pode ver, o grande desafio é alavancar a diversidade como uma força unificadora, para construir uma nação resiliente e coesa no meio desta mistura de influências e diversidades culturais, olhando para o exemplo da Europa que está unida por um fundo comum de civilização e de cultura, impregnadas por uma mesma filosofia, este não se enquadra no contexto moçambicano (Ngoenha, 1992). Percebemos que, o país é desafiado a (re)construir sua identidade, com base na valorização de elementos da cultura local, sendo este um processo contínuo e necessário, dada a sua relevância na unificação da nação onde a cultura vem sendo o factor unificador de comprometimento na afirmação da identidade de um país.

O papel da Cultura na (re)construção da identidade em Moçambique

Moçambique foi uma das colónias portuguesas que se libertou do jugo colonial em 25 de Junho de 1975 e começou o projecto de reconstrução nacional que culminou com a restauração das instituições sociopolíticas e económicas da história e das identidades nacionais (Basílio, 2010). Ao longo desses eventos, a identidade moçambicana foi moldada e, em alguns casos, fragmentada. Coelho e Mesquita (2013) argumentam que o país enfrentou períodos de conflito ao longo da sua história e a cultura veio desempenhar um papel importante na sua reconstrução, após essas fases turbulentas. De facto, as culturas nacionais, ao produzirem sentidos sobre a nação, sentidos com os quais podemos-nos identificar, constroem identidades. Esses sentidos estão contidos nas histórias que são contadas sobre a nação, memórias que conectam o seu presente com seu passado e imagens que dela são construídas (Hall, 2004).

Assim, a moçambicanidade foi-se construindo através das alianças políticas dos acordos entre diferentes grupos étnicos e de consensos entre os diferentes partidos políticos. No meio das alianças políticas, o estado moçambicano construiu uma identidade política baseada na unidade (Basílio, 2010). No entanto, Coelho e Mesquita (2013) afirmam que a cultura é o instrumento que permite a inserção do indivíduo no meio social, pois ela instrumentaliza-o a conviver socialmente e a adoptar padrões de comportamento aceites pelo seu grupo social.

Para Ferreira *et al.* (2016), a cultura desempenha vários papéis na reconstrução da identidade moçambicana como: a preservação das raízes culturais que envolve a valorização das línguas, danças, músicas, rituais, vestimentas, gastronomia, religião e práticas tradicionais, contribuindo para a preservação da rica herança cultural de Moçambique; o reforço da coesão social, pois ao celebrar as suas tradições culturais, os moçambicanos podem criar laços de identidade e solidariedade; a construção de uma identidade nacional, dado que, ao enfatizar elementos culturais compartilhados por todo o país, Moçambique pode desenvolver uma identidade colectiva que transcende as fronteiras étnicas e regionais; o estímulo à criatividade e inovação apoiando e incentivando a produção artística, literária e cultural no país; educação e conhecimento para as gerações mais jovens poderem aprender sobre as suas raízes históricas, tradições e valores, o que é essencial para a construção de uma identidade sólida e

informada; turismo cultural para trazer benefícios económicos para as comunidades locais e para o país como um todo valorizando a cultura local.

Contrariamente a outros países, existe na Europa um fundo comum de civilização e de cultura, impregnadas por uma mesma filosofia, que aliás está na base da unidade que se está realizando. Infelizmente, não podemos falar disso para Moçambique, pois do ponto de vista cultural, a moçambicanidade é uma realidade em gestação, uma realidade no devir, uma realidade a inventar e a nossa fraqueza está na falta de orgulho, na falta de dignidade, na falta de respeito por nós mesmos (Ngoenha, 1992).

E para fortalecer o papel da cultura na reconstrução da identidade em Moçambique, Hall (2004) adverte ao governo e às instituições culturais para investirem em políticas que promovam e protejam o património cultural do país, e fazendo isso é possível alavancar a diversidade como uma força unificadora, ajudando a construir uma nação resiliente e coesa. Para o efeito desejado, Basílio (2010) destaca que o processo deve ser conduzido com respeito, sensibilidade e inclusão, garantindo que todas as vozes e perspectivas sejam ouvidas e valorizadas, incentivar a participação activa das comunidades locais na preservação e promoção das suas tradições, bem como apoiar artistas e produtores culturais para que possam continuar a enriquecer a diversidade cultural moçambicana.

Percebemos que Moçambique é um país multicultural e a cultura é tida como o instrumento que permite a inserção do indivíduo no meio social, pois ela o instrumentaliza a conviver socialmente e a adoptar padrões de comportamento aceites por seu grupo social. Daí transparece a ideia de que a cultura pode ter um papel central na (re)construção de uma identidade moçambicana resiliente, inclusiva e orgulhosa de suas raízes históricas e culturais.

Esta análise leva-nos a crer que a cultura desempenha diversas funções na formação da identidade moçambicana, incluindo a preservação das tradições culturais, a promoção da unidade social, a criação de uma identidade nacional, o estímulo à criatividade e à inovação, o fomento da educação e do conhecimento, além de impulsionar o turismo cultural. Contrariamente a isso, Ngoenha (1992) defende que a construção de uma identidade moçambicana que seja universal, coesa e unificada está em processo de formação, está em constante evolução, e é algo que ainda precisa ser desenvolvido e criado. Esta diversidade cultural presente na Agenda (2025) é considerada um activo valioso, uma riqueza para a sociedade moçambicana e quanto mais robusta essa diversidade, mais contribui para o fortalecimento da consolidação da Unidade Nacional (Ferreira *et al.*, 2016).

Mais uma vez prevalece a ideia de que a cultura é a única via que conduz ao universal e o desenvolvimento de uma identidade colectiva, unificada que transcende as fronteiras étnicas e regionais em Moçambique, é uma realidade ainda em gestação, uma realidade no devir, uma realidade a inventar, pois a sua cultura perdeu a sua identidade genuína e passou a ser caracterizada por uma mistura de influências africanas, portuguesas e árabes.

Entretanto, para fortalecer o papel da cultura na reconstrução da identidade em Moçambique, parece ser importante que o governo e as instituições culturais incorporem elementos da cultura local, invistam em políticas que promovam e protejam o património cultural do país, e

fazendo isso é possível alavancar a diversidade como uma força unificadora, ajudando a construir uma nação resiliente e coesa.

Conclusão

Concluimos a pesquisa tomando em conta a questão orientadora: “Qual é o papel da Cultura na Reconstrução da Identidade em Moçambique?” Há que referir que cultura é um sistema de significados construído pelo homem para dar sentido ao mundo, influenciando a maneira como as pessoas o percebem, se comportam e se relacionam entre si. Porém, a cultura moçambicana é rica e diversificada, resultado da combinação de várias influências históricas, culturas africanas tradicionais, árabes e coloniais portuguesas, dado que a colonização portuguesa teve um impacto significativo na cultura moçambicana, introduzindo a língua portuguesa, o cristianismo e elementos da cultura europeia. Ela é caracterizada por mais de 40 grupos étnicos distintos, cada um com as suas próprias línguas, costumes, crenças onde não se pode eliminar um para valorizar o outro.

Ficou claro que a cultura é a única via que conduz ao universal e ao desenvolvimento de uma identidade colectiva, unificada que transcende as fronteiras étnicas e regionais em Moçambique, é uma realidade ainda em gestação, uma realidade no devir, uma realidade a inventar, pois a sua cultura perdeu a sua identidade genuína e passou a ter uma mistura de influências africanas, portuguesas e árabes.

Concluimos que o papel da cultura na (re)construção da Identidade em Moçambique é, de facto, preservação das tradições culturais, a promoção da unidade social, a criação de uma identidade nacional, o estímulo à criatividade e à inovação, o fomento da educação e do conhecimento, além de impulsionar o turismo cultural e isso só pode acontecer se o país for a valorizar e incorporar os elementos da cultura local na afirmação da identidade nacional.

Referências bibliográficas

Basílio, G. (2010). *O estado e escola da construção da identidade política Moçambicana*. São Paulo, Brasil: PUC.

Bosi, A. (1992). *Dialéctica da colonização*. São Paulo, Brasil: Companhia das Letras.

Cabaço, J. L. (2007). *Identidade, colonialismo e libertação em Moçambique*. Maputo: Promédia.

Castells, M. (2006). *O poder da Identidade: A era da informação: economia, Sociedade e cultura* (5ª ed.). São Paulo, Brasil: Paz e terra.

Castiano, J.P. (2010). *Referenciais da Filosofia Africana*. Maputo. Moçambique: Imprensa Universitária.

Ciscato, E. (2012). *Introdução à cultura da área makhuwa/lomwe*. Lisboa, Portugal: Ais.

Coelho, L. P. & Mesquita, D. C. M. (2013). Língua, cultura e identidade: conceitos intrínsecos e interdependentes. *Entreletras, Araguaína/TO*, 4, 24-34.

Comité de Conselheiros da Agenda 2025, (2003). *Visão e estratégia da Nação*, Maputo, Moçambique.

Eagleton, T. (2005). *A ideia de cultura*. São Paulo: Ed. Unesp.

Ferreira, P. H. P. P.; Oliveira, H. C.; Rocha, J. G. & Castro, S. (2016). *O dia em que explodiu mabata-bata: a identidade cultural na literatura moçambicana de Mia Couto*. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 377-387.

Hall, S. A. (2004). *Identidade cultural na pós-modernidade* (9.ª ed). Rio de Janeiro: DP&.

Mazula, B. (2015). *A Universidade na Lupa de Três Olhos: Ética, Investigação e Paz*. Maputo, Moçambique: Editora Universitária, Universidade Eduardo Mondlane

Mazula, B. (2008). *Ética, Educação e Criação da riqueza: Uma reflexão epistemológica*. Maputo. Moçambique: Texto editores

Ngoenha, S. E. (1998). *Identidade moçambicana: já e ainda não*. In: SERRA, Carlos. (Org.). *Identidade, moçambicanidade, moçambicanização*. Maputo: Livraria Universitária UEM.

Ngoenha, S.E. (1992). *Por uma Dimensão Moçambicana da Consciência Histórica*. Porto, Portugal: Salesianas.

Nicaquela, W. P. & Oliveira, L. (2017). A Qualidade de ensino em Moçambique: Uma afronta ao pensamento pedagógico de Samora Machel. *Revista de Investigação em Educação, Comunicação e Desenvolvimento Nº2: comunicação e desenvolvimento sustentável*. Faculdade de educação e comunicação – Nampula.

Vilelas, J. (2009). *Investigação: o processo de construção do conhecimento*. Lisboa: Sílabo.